

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ
V. 35, N. 2 – julho/dezembro – 2015

**JEAN PIERRE OLIVIER DE SARDAN E A SOCIOANTROPOLOGIA
DO DESENVOLVIMENTO**

Organizadora: *Ramonildes Alves* Gomes
Colaboradores: *Xavier Faure* (traduções)
Valdênio Meneses (pesquisa bibliográfica)

Através de processos sociais e históricos particulares, a palavra “desenvolvimento” foi sendo difundida no senso comum e, de pouco em pouco, adquiriu múltiplos usos, performando diversas práticas de intervenção social. A presença da categoria desenvolvimento nos discursos políticos explicita pontos de vista de distintas escolas de pensamento. Mesmo após pouco mais de seis décadas, parece que ainda estamos encantados sob os “efeitos” da reconstrução européia do pós-guerra, suas reverberações na relação teoria/prática para as ciências humanas e nos esforços para criação de um modelo universalizado e planejado de mudanças sociais e econômicas induzidas que genericamente tem sido denominado desenvolvimento.

O “culto” ao desenvolvimento ganha tons politicamente dramáticos entre os séculos XIX e XX, desde a terminologia mobilizada para fazer referência aos países mais dependentes do norte ou do sul, em geral denominados: “terceiro mundo”, “subdesenvolvido”, “periféricos” e, “países do Sul” etc. Nessas sociedades, o desenvolvimento foi sendo apresentado e evocado como catalisador para superação de conflitos que envolvem determinados padrões sociais, tensões políticas e culturais entre modelos de ação e recursos propostos por atores coletivos, em especial agentes financiadores – a exemplo do Banco Mundial; a difusão e construção de saberes técnico científicos junto a comunidades locais, como estratégia para a construção de normas de funcionamento das instituições e espaços e arranjos representativos ditos “desenvolvidos” como estado, democracia, sociedade civil, burocracia e espaços públicos tem sido o propósito de mediadores políticos, técnicos e de experts portadores do discurso científico.

Autor de uma produção acadêmica de fôlego, o antropólogo franco-nigerino Jean Pierre Olivier de Sardan se consagra no debate sobre o desenvolvimento por uma particular capacidade reflexiva: um constructo resultado do pensar e “estar sobre” entrelaçamentos e conflitos

Professora do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina. PPGCS/UFCG. E-mail: rnildes@hotmail.com

Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: xavfaure@hotmail.com.

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). E-mail: valdeniofmeneses@hotmail.com e valdeniofmeneses@gmail.com.

que envolvem as lógicas de mudanças sociais qualificadas no termo desenvolvimento. Produzida em sua totalidade sobre realidades sociais de países do oeste Africano (como Burkina Faso, Mali, Níger, Senegal e Benin) as pesquisas coordenadas por Olivier de Sardan e uma equipe de pesquisadores, em geral de origem ou radicados nesses mesmos países, tem permitido uma melhor compreensão das contradições e maleabilidades encarnadas em projetos de desenvolvimento e suas relações com os chamados “grupos-alvo”.

Como explicar e entender a chamada socioantropologia de Olivier de Sardan?

Metodologicamente, a obra de Olivier de Sardan pode ser visualizada através de um trio de posturas que compõem o eixo do que o pesquisador pensa e acredita sobre a semântica do termo desenvolvimento e as crenças sobre os saberes e vida social das populações alvo de uma projeção desenvolvimentista.

Ao assumir uma visão não normativa de desenvolvimento, Jean Pierre Olivier de Sardan apresenta uma perspectiva do desenvolvimento menos como estágio ou objetivo a ser alcançado e mais como uma dinâmica de interação entre diferentes atores sociais, dotados igualmente de diferentes saberes, interesses e estratégias (OLIVIER DE SARDAN, 1995, p. 7). Os conflitos e entrelaçamentos de lógicas sociais – tema, por excelência, da socioantropologia de Olivier de Sardan – são produzidos a partir de diferenças de interesses, representações e práticas nos níveis de hierarquias entre experts, políticos, cientistas, membros de ONGs, lideranças locais, associações comunitárias e outros atores distribuídos no tabuleiro de uma configuração desenvolvimentista.

Olivier de Sardan (2001, p. 737) destaca um viés ideológico “não desconstruído” no próprio desconstrucionismo, que coloca o desenvolvimento como um discurso hermético ligado a uma visão do Norte hegemônica contra o Sul. Além das fragilidades voltadas a um excesso de erudição teórica e a falta de trabalhos de campo e, portanto, uma negação das contradições e especificidades, reinterpretações que o desenvolvimento tem nas esferas locais, o desconstrucionismo, nas suas ideologias políticas supostamente libertárias, acaba por negar ou invisibilizar uma capacidade de ação dos agentes politicamente “Sulistas”. As desconstruções ocultam que mesmo as “vítimas passivas” do maniqueísmo das agências desenvolvimentistas do Norte possuem manobras políticas que envolvem “fracos e fortes”, dentro das interações locais entrelaçadas em um projeto de desenvolvimento.

A reflexão sobre os populismos e as ciências sociais é talvez a principal tensão metodológica da socioantropologia que propõe pesquisar configurações desenvolvimentistas. Eis um tema frequentemente revisitado na produção acadêmica de Olivier de Sardan (1990, 1995, 2001, 2007): o risco de aproximar-se de um populismo ideológico da construção de imagens romantizadas sobre as práticas, saberes e relações sociais daquelas populações para as quais são endereçados os projetos de desenvolvimento. A idealização populista dos recursos materiais dos segmentos se apresenta na fabricação de várias estereotípias: o miserabilismo diante da gestão dos recursos materiais dos segmentos “populares” e classificados como pobres (OLIVIER DE SARDAN, 1990, p. 484-485); a visão de que a vida social de comunidades e aldeias a priori é feita de consensos, visão esta fundada no mito coletivista tradicionalista (OLIVIER DE SARDAN, 1995, p. 60); as caracterizações naturalizadoras do camponês ora como maximizador e “pequeno empreendedor”, ora como um ser passivo, ávido de “ser ajudado”, ora como rebelde que se nega a seguir orientações técnicas (OLIVIER DE SARDAN, 1995, p. 64-69).

Como contraponto a esse populismo ideológico, homogeneizador dos imaginários sobre a cultura e os saberes locais, Olivier de Sardan (2001, p. 742) destaca como o diálogo com o interacionismo metodológico das etnografias feitas por sociólogos da Escola de Chicago na primeira metade do século XX pode ser uma entrada empírica privilegiada para não conde-

nar nem aprisionar o desenvolvimento, mas compreendê-lo sob a ótica de um entrelaçamento complexo de relações e lógicas sociais. Nesse sentido, o populismo não desaparece, mas pode ser metodologicamente orientado: se a postura populista é parte fundamental e até inevitável de certas áreas de pesquisa nas ciências sociais, ela pode ser dinamizada para um maior grau de vigilância para com uma visão encantada e que privilegia somente os saberes ditos populares. Daí que a proposta do entrelaçamento de lógicas sociais da socioantropologia do desenvolvimento amplia o foco de análise para o quadro heterogêneo dos agentes e instituições sociais que propõem o desenvolvimento (developeurs); mediadores e intermediários locais (courtages) e associações e coletivos na arena local formados pelas populações alvo de projetos (develloppés). Bastante evidenciados também são os atritos entre a dimensão das linguagens: dos saberes populares das arenas locais e a chamada linguagem “desenvolvimento”, um “mercado” de projetos e ações, através de racionalidades técnico-científicas e das performances práticas e discursivas dos agentes de uma configuração desenvolvimentista (OLIVIER DE SARDAN, 1995, p. 147-148).

A socioantropologia do desenvolvimento, sem ceder aos vieses denunciastas e principalmente populistas, é uma ferramenta para compreender os processos e formas que se passam nos espaços públicos e na construção do Estado na modernidade africana (OLIVIER DE SARDAN, 2007, p. 547). Nesse sentido a visão não normativa de Olivier de Sardan sobre o desenvolvimento se coaduna com uma crença mínima no potencial de um reformismo para o desenvolvimento (OLIVIER DE SARDAN, 2004a, p. 38). Os trabalhos socioantropológicos podem auxiliar na melhoria das instituições e das práticas administrativas do serviço público. Essas ressalvas e vigilâncias quanto ao “canto da sereia” do populismo ideológico ou qualquer outro tipo de essencialismo - como o culturalismo de algumas tradições da antropologia - talvez possam ser vindas também das próprias transformações da biografia intelectual de Olivier de Sardan. Da sua juventude como militante em círculos maoístas das universidades francesas dos anos 1960 ficou o aprendizado que de boas intenções o populismo ideológico e moral está pleno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIERSCHENK, T. Enchevêtrement des logiques sociales: Jean-Pierre Olivier de Sardan, un anthropologue du développement. In: BIERSCSCHENK, T. et al (Orgs.) Une Anthropologie entre rigueur et engagement. Paris/Leiden: Karthala/APAD, 2007, p. 25-47

BIERSCHENK, T. Anthropologie et localiser les approches. Bulletin de l'APAD, p. 31-32, 2010

BLUNDO, G.; OLIVIER DE SARDAN, J-P, Introduction au theme, Politique Africaine, (N°83), 2001a, p. 5-7

_____. La corruption quotidienne en Afrique de l'Ouest , Politique africaine 2001b, N° 83, p. 8-37.

_____, Semiologie populaire de la corruption, Politique Africaine, N°83, 2001c, p. 98-114

CARNEIRO, M.S Práticas, discursos e arenas: notas sobre a socioantropologia do desenvolvimento. Sociologia e Antropologia. V.02:04, 2012, p. 129-158

OLIVIER DE SARDAN, J-P. Populisme développementiste et populisme em sciences sociales: ideologie, action, connaissance. In: Cahiers d'études africaines, v. 30, n. 120, 1990, p. 475-492.

_____. Anthropologie et développement : essai en socio-anthropologie du changement social, Paris, Éditions Karthala, 1995.

_____. Les trois approches en anthropologie du développement. In: Tiers-Monde, 2001, tome 42 n° 168, p. 729-754.

_____. Le chaînon manquant. Courrier de la planète, 2004a, 74, p.36-40

_____. État, bureaucratie et gouvernance en Afrique de l'Ouest francophone, Un diagnostic empirique, une perspective historique, Politique africaine, 2004b (N° 96), p. 139-162.

_____. De la nouvelle anthropologie du développement à socioanthropologie des espaces publics africains, Revue Tiers Monde, n. 191, 2007a, p. 543-552

_____. Crise alimentaire et malnutrition infantile au Niger : le bilan de la « famine » de 2005 », Critique internationale, (n° 37) 2007b, p. 37-49.

_____. Aide humanitaire ou aide au développement ? La « famine » de 2005 au Niger, Ethnologie française (Vol. 41), 2011, p. 415-429

_____; HAMANI, O; ISSALEY, N. ISSA, Y.; ADAMOU; H.; OUMAROU, I. Les transferts monétaires au Niger: la manne, les normes et les soupçons. Revue Tiers Monde, n. 218, 2014, p. 107-130.

RIDDE, V.; OLIVIER DE SARDAN, J-P, Étudier les politiques publiques et les politiques de santé en Afrique de l'Ouest, Afrique contemporaine, n.243, 2012 p. 98-99.

SITES CONSULTADOS

Laboratoire d'Études et de Recherches sur les Dynamiques Sociales et Développement Local (LASDEL). Biographie Jean Pierre Olivier de Sardan. Disponível em: <<http://www.lasdel.net/Templates/blog.php?select=Jean-pierre+OLIVIER+DE+SARDA>> Acesso em novembro de 2015

Publications de Jean Pierre Olivier de Sardan. Disponível em <<https://www.cairn.info/publications-de-Olivier%20de%20Olivier-de-Sardan-Jean-Pierre--25179.htm>> Acesso em novembro de 2015